

Obra de Murilo Mendes ganha nova edição

Poesia e prosa do escritor mineiro serão publicadas pela Cosac Naify com fotos, cartas e textos de análise inéditos

De estilo excêntrico, autor ficou esquecido nas últimas décadas; principais trabalhos estavam esgotados

MARCO RODRIGO ALMEIDA
DE SÃO PAULO

A competição era acirrada na poesia brasileira em 1930. Naquele ano Manuel Bandeira publicou um de seus clássicos, "Libertinagem". E os mineiros estrearam com força — Carlos Drummond de Andrade ("Alguma Poesia") e Murilo Mendes ("Poemas").

Mário de Andrade, em ensaio famoso, deu seu veredito: o de Murilo era "historicamente o mais importante dos livros do ano". As décadas seguintes, entretanto, correram contra o poeta.

Bandeira um pouco antes (1917), Drummond e Murilo nos anos 1930 e João Cabral de Melo Neto uma década depois deram início ao melhor da poesia brasileira no século 20. De todas essas grandes obras, a de Murilo tornou-se a menos influente, discutida ou compreendida.

"Ele ficou um pouco esquecido. A bibliografia sobre ele é muito menor do que a dedicada a outros autores modernistas. Hoje é muito menos lido que Drummond, Mário ou Oswald de Andrade", lamenta o crítico literário e romancista Silviano Santiago.

O crítico acredita que a situação pode se alterar agora. A Cosac Naify começa a reeditar a obra completa, em poesia e prosa, do autor.

Os quatro primeiros livros já estão nas livrarias (confira ao lado). A coordenação editorial é de Milton Ohata, Júlio Castanho Guimarães e Murilo Marcondes de Moura.

Os volumes possuem edição gráfica caprichada, textos de análise e apêndices inéditos. A publicação de todos os livros do poeta deve ser concluída nos próximos cinco anos.

Grande parte da obra de Murilo Mendes estava fora de catálogo. A última edição de sua obra completa, organizada pela professora italiana Luciana Stegagno Picchio, foi publicada pela editora Nova Aguilar em 1994.

Segundo Marcondes de Moura, a edição em capa dura e papel bíblia trazia erros de gráfia, problemas na divisão das estrofes e descuidos no projeto gráfico que a Cosac diz

pretender corrigir.

Murilo Mendes nasceu em Juiz de Fora (MG), em 1901, e morreu em Lisboa, em 1975. Viveu um longo período no Rio, passou por várias cidades da Europa em missões culturais e fixou-se na Itália em 1957, onde foi professor na Universidade de Roma.

PERTURBADOR

Bandeira escreveu, na "Apresentação da Poesia Brasileira" (1946), que Murilo era "talvez o mais complexo, o mais estranho, e seguramente o mais fecundo poeta desta geração".

De todos esses adjetivos, "estranho" foi o que mais ficou associado a Murilo.

"Ele tem diferenças profundas com a tradição lírica brasileira moderna", comenta Marcondes de Moura, professor de literatura brasileira na USP, estudioso da obra muriliana há mais de 20 anos.

"Murilo tem um vínculo mais imaginativo com a realidade, busca uma transfiguração muito pouco realista. Há uma proximidade grande com o insólito. É uma obra muito perturbadora."

Outro ponto que distinguia Murilo de seus pares, destaca o professor, é o tom religioso que perpassava sua obra. A grande amizade com o pintor católico Ismael Nery (1900-1934) foi preponderante na conversão do poeta à fé cristã.

"Isso trouxe um pouco de preconceito contra a poesia dele. Parte do público e da academia o via como um poeta católico ultrapassado", afirma Marcondes de Moura.

Autor do posfácio da nova edição dos "Poemas", Silviano Santiago argumenta que Murilo ocupou uma posição excêntrica no modernismo brasileiro, fora do eixo ou de qualquer tentativa de classificação. Em seu texto, Santiago faz uma atenta análise da presença da religião nos poemas.

"Mas não se trata de uma religiosidade puritana, nem ortodoxa. É um mundo mais complexo, onde a religião é contaminada pelo erotismo, pela desordem", explica.

Um dos mais belos exemplos do livro de estreia é "O Poeta na Igreja", no qual "âncas das mulheres", "selos de cotados" e "coxas" se interpõem entre o poeta e a cruz.

Conciliador de contrários, como dizia Bandeira, Murilo permaneceu um assombro, que o leitor terá agora mais uma chance de tentar decifrar.



O poeta mineiro Murilo Mendes em Paris (1955), durante missões culturais pela Europa

CRÍTICA POESIA

Pequeno livro enorme, estreia do poeta em 1930 captou do jocoso ao sublime

FELIPE FORTUNA
ESPECIAL PARA A FOLHA

Com "Poemas" (1930), Murilo Mendes estreia em cheio na modernidade. Numa carta do mesmo ano para Mário Andrade, ele reconhece a "elásticidade do meu temperamento", que, de fato, sabe captar do jocoso ao sublime, sabendo traçar da matéria e do espírito.

O poeta tem consciência dessa trajetória de amplo espectro e das vantagens que lhe dão os principais recursos da modernidade que alcançou: "Estou alarmado com as reclamações contra os poemas-piada, gosto de fazê-los porque me dão agilidade de espírito. Mas não fico neles".

Impressiona, em "Poemas", a diversidade das seis seções do livro, que partem da paródia em tom humorístico de uma poema canônico, "A Canção do Exílio" ("a gente não pode dormir / com os oradores e os pernolongos") e chegam a "Tentações Paralelas": "O Espírito me transporta a um lugar muito alto, / me mostra teu corpo decotado."

Nem mesmo "Alguma Poesia", de Carlos Drummond de Andrade, e "Libertinagem", de Manuel Bandeira — outros estupendos livros de 1930 — apresentam tamanha larguezza de tons e de motivos.

Um poema como "Prelúdio" parece apresentar, com enganosa simplicidade, o projeto de um poeta que em tudo descobre novidade e, por estar também sendo projetado, aponta o futuro.

Numa carta de 1931 — publicada nesta edição de "Poemas" pela primeira vez —, Murilo Mendes escreve a Mário de Andrade que "nem você nem o Bandeira quisseram

mais falar neles".

Impressiona, em "Poemas", a diversidade das seis seções do livro, que partem da paródia em tom humorístico de uma poema canônico, "A Canção do Exílio" ("a gente não pode dormir / com os oradores e os pernolongos") e chegam a "Tentações Paralelas": "O Espírito me transporta a um lugar muito alto, / me mostra teu corpo decotado."

Nem mesmo "Alguma Poesia", de Carlos Drummond de Andrade, e "Libertinagem", de Manuel Bandeira — outros estupendos livros de 1930 — apresentam tamanha larguezza de tons e de motivos.

Numa carta de 1931 — publicada nesta edição de "Poemas" pela primeira vez —, Murilo Mendes escreve a Mário de Andrade que "nem você nem o Bandeira quisseram

COLLEÇÃO MURILo
Os 4 primeiros livros



"Poemas"
R\$ 32,90
(128 págs.)
Livro de estreia (1930), traz duas cartas para Mário de Andrade



"Convergência"
R\$ 36,90
(256 págs.)
Neste último livro (1970), o poeta dialoga com o concretismo



"A Idade do Serrote"
R\$ 36,90
(192 págs.)
Memórias de 1968 retratam Minas e a formação religiosa



"Antologia Poética"
R\$ 99
(320 págs.)
Edição especial com imagens e CD em que Murilo lê seus poemas

se referir aos meus entrelacamentos com o Ismael [Nery]."

De fato, "Poemas sem Tempo", a seção final do livro, é dedicada ao amigo pintor e intelectual católico. Os poemas ali são caracterizados por uma estranha metamorfose das proporções, de natureza física e, sobretudo, espiritual.

Felizmente, a falta de referência segura sobre a influência de Ismael Nery sobre a poesia de Murilo Mendes foi soberbamente corrigida por um prefácio de Silviano Santiago a esta nova edição.

"Poemas" é um pequeno livro enorme.

FELIPE FORTUNA é poeta e ensaísta. Publicou recentemente "A Mesma Coisa" (Topbooks), poemas.

POEMAS

AVALIAÇÃO ótimo

Livro analisa manifestações sobre fim da vida na Terra

Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro usam cultura pop, estudos científicos e textos religiosos em 'Há Mundo por Vir?'

LEÃO SERVA
COLUNISTA DA FOLHA

É o fim do mundo. O tema do novo livro do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, escrito com Déborah Danowski, são as diversas manifestações da cultura humana atual que afirmam que está em extinção a vida na Terra "tal como conhecemos hoje" (uma expressão aberta, que os autores também disseram na obra).

Normalmente associado à pesquisa sobre culturas indígenas, que ele revolucionou com a criação do conceito de "perspectivismo", Viveiros, em "Há Mundo por Vir?", ensaiou sobre os Medos e os Fins", também analisa produções culturais das sociedades dominantes ou desenvolvidas, tais como tratados científicos, filmes e literatura.

Assim começa o livro: "O fim do mundo é um tema aparentemente interminável — pelo menos, é claro, até que ele aconteça".

A análise equaliza as diferentes imaginações contemporâneas sobre a extinção do

homem no mundo como expressões de um pensamento humano dominante. "Sem em qualquer momento afirmar qual interpretação é correta", o livro mostra que a convicção de que a vida humana sofrerá uma profunda ruptura é um "zeitgeist" ("espírito do tempo") desde início de século 21.

Assim, os autores descrevem inúmeros sinalizações dessa convicção generalizada. É o caso, por exemplo, dos estudos do departamento de Defesa dos EUA (Pentágono) sobre como o país deve enfrentar as ameaças que vão ocorrer caso se confirme o prognóstico de alta de 2°C na temperatura média do planeta nas próximas décadas.

Passam pelo crivo dos escritores também filmes apocalípticos como "Melancolia", de Lars von Trier, e "4:44 - O Fim do Mundo", de Abel Ferrara (ambos de 2011) e livros de ficção, como de Philip K. Dick (autor da história que deu origem ao filme "Blade Runner") e mitos indígenas, como o pensamento do xamã ianomâmi Davi Kopen-



nawa em seu livro "A Queda do Céu" (lançamento previsto para 2015), entre outros.

Danowski explica que o livro foi escrito como uma reação aos ataques feitos a quem divulga informações sobre o agravamento das condições de vida na Terra: "Quando se diz o que está acontecendo, surge uma acusação de imobilismo ou catastrofismo. Ao falar contra a destruição de nossas florestas, somos acusados de servir à indústria americana. Então decidimos juntar tudo, filmes, livros, textos, mitos, que carregam esse espírito do tempo".

O lançamento do livro, realizado nesta semana no Rio, coincidiu com um colóquio internacional promovido pelos autores na cidade. "Os Mil Nomes de Gaia - do Antropoceno à Idade da Terra" reuniu cerca de 35 pensadores de

11 países, todos estudiosos de diversas áreas do conhecimento para discutir o conceito de "antropoceno": a ideia de que passamos a viver uma nova era geológica, esta determinada pelo homem, que deixa de ser um agente biológico entre todos os outros para se tornar o agente transformador da geologia.

Viveiros de Castro destaca

a importância do conceito:

"Neste momento do mundo,

em decorrência da ação humana, o clima muda mais rápidamente que o homem. Vamos poder assistir a mudanças no sistema climático ao longo de uma vida", diz.

Embora escrito por dois cientistas (marido e mulher, ela se dedica à filosofia e ele, à antropologia), acostumados aos códigos acadêmicos, o livro tem conteúdo acessível, por tratar de manifestações culturais disponíveis ao grande público e descritas com didatismo.

HÁ MUNDO POR VIR?

AUTORES Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro

EDITORA Cultura e Barbárie

QUANTO R\$ 35 (176 págs.)